

No útero de Paulo, o embrião não nascerá

LEANDRO FRANZ

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Ana Lehm

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

*As pinturas utilizadas nesta obra são reproduções
das obras do pintor francês Claude Monet (1840 – 1926)*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F837ú FRANZ, Leandro. 1984–
No útero de Paulo, o embrião não nascerá / Leandro Franz –
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.
234 p.: 21 cm.
ISBN: 978-85-5833-501-0
1. Romance I. Título.

CDD B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

1.

Hoje, Paulo acordou grávido.

Não que não tivesse acordado assim também um dia antes, nem nas quatro ou seis semanas anteriores. É que só hoje resolvera fazer o teste.

Descobriu-se grávido depois de devorar ovos mexidos com rim frito, pois Carla saíra para trabalhar cedo e já deixara o café da manhã pronto (mas esquecera de trocar a ração do gato e limpar a caixa de areia e hoje era a vez dela!, e ela sempre esquecia, paciência, mas o rim ficara uma delícia, então estava perdoada), e também após esperar aquele minuto necessário para o azul aparecer no santo marcador trazendo a notícia do apocalipse inesperado. Foi só ali que parte do rim seco revirou seu estômago.

Estava grávido. Não entendia como era possível nem como contaria para Carla, que voltaria no fim do dia exausta, provavelmente chorosa por mais um projeto de robô negado, e sem condição de se encantar com a notícia de ter seu sonho realizado. Ela queria muito um filho. Há anos, escondido, ele tomava anticoncepcional.

Carla era compreensiva, a hora deles chegaria, podiam ser pacientes. Paulo pacientemente aguardava o dia da desistência de Carla em engravidá-lo. Embora muito amorosa, correta e dedicada, não seria uma mãe muito presente, disso tinha

certeza; oitenta por cento do esforço sobraria para ele. Sempre sobrava, mas era da natureza humana, era o destino e missão dos homens cuidar dos filhos. A missão mais nobre que existia.

O trabalho de cuidar de um gato era fácil, mas já lhe antecipava um futuro indesejado. Exceto pela caixa de areia e pela necessidade de água e ração úmida, gatos praticamente não existem. Ainda assim, o sobrecarregado era ele.

De toda maneira, seria tão lindo ter um filho de Carla, ver aquele jeitinho dela em outro ser, as mesmas manias... Paulo abdicaria do futebol de terça e quinta, do pôquer das tardes de sábado, de aprender violão — reiniciado com empolgação pela terceira e definitiva vez não havia nem dois meses — e de sua paixão pela pintura.

O sonho de perseguir o pôr do sol perfeito, de pintá-lo na velocidade exata em que foge pelo horizonte, os três minutos cruciais da mudança acelerada de cores nas nuvens quando o sol tocava o solo, o reflexo pelo céu, o sonho de pintar um pôr do sol por dia em um lugar diferente do mundo, trezentos e sessenta e cinco pores do sol perfeitos em um ano de viagem sem muros ou divisórias, pintando ao ar livre, com povos diferentes, nuvens variadas, cores imprevistas, o sonho de viajar expondo sua série intitulada “trezentos e sessenta e cinco olhares, um sol” em galerias famosas e ser reconhecido em vernisages concorridas, aquilo tudo podia mofar um pouquinho. A nobre missão valeria a pena, é para isso que nascemos! Em nove meses, viria um menininho lindo. Ou menininha. Torcia pela segunda opção, sofreria menos.

Paulo estava grávido e torcia por uma menina, daria o nome de Carla Jr..

Engoliu o rim seco entalado em sua garganta. Não cairia em tentações hormonais, estava decidido. Enxugaria as lágrimas, terminaria de limpar a casa, tiraria os lixos do banheiro, trocaria a areia do gato, depilaria o couro cabeludo e ligaria para Gil, seu melhor amigo do futebol. Gil era médico, tinha clínica própria e não lhe negaria o favor de um aborto.

2.

Monet terminava suas telas em aproximadamente duas horas. Em duas horas, porém, é impossível pintar um pôr do sol sem truques artificiais como o auxílio de uma foto de referência. O pintor impressionista, defensor da pintura orgânica, moleque, artesanal, sem agrotóxicos, levava um desenho já rascunhado para o local e, durante o poente, apenas traçava as cores. Deixava para terminar seu quadro no ano seguinte, no mesmo dia e local, para ter o céu igualzinho, com a mesma exata posição do sol. O problema: as nuvens. O amor de Paulo eram as cores recebidas pelas aleatórias formas das nuvens nos pores do sol pelo mundo. As nuvens nunca são as mesmas de um dia para o outro; elas são como uma pessoa, se essa pessoa nunca for a mesma de um dia para o outro.

Monet, com sua estratégia arriscada de voltar no ano seguinte para terminar o quadro, deixou muitas pinturas incompletas, pois as nuvens ou se espreguiçavam ou se atrofiavam ou se diluíam ou choravam de modo diferente do ano anterior. Paulo se considerava discípulo de Monet, mas um discípulo impaciente. Ansioso, evitaria o erro do mestre: já era ágil o bastante para pintar nos cinco minutos críticos do toque do sol no horizonte e eternizar aquelas exatas cores. Exercitava seus traços dia a dia na ampla sacada de seu apartamento. Só faltava combinar com Carla a viagem dos trezentos e sessenta e cinco pores do sol pelo mundo.

3.

Todos os poentes de céu limpo são bonitos iguais, os poentes nublados são nublados cada um a sua maneira.

O quadro “O Parlamento”, de Monet, foi iniciado em um pôr do sol de 1899. A neblina desse exato dia não se repetiu nem em 1900 nem em 1901, nem em 1902. Nem em 1903. Nesse exato dia, já em 1904, Monet ficou doente e não conseguiu sair à rua para verificar o tempo, então confidenciou a um amigo que terminara a pintura finalmente — mas é óbvio que não.

* Obra *As Casas do Parlamento*, 1903. A representação desse quatro encontra-se na seção Galeria, ao fim deste livro (pág 224).

4.

Carla terminou a apresentação de seu projeto do robô enxugador de gelo e segurou o nervosismo agarrando com as mãos a primeira cadeira que encontrou à frente. O salto a estava matando. A cadeira girou um pouco, mas ela conseguiu estabilizar a tempo de não chamar tanta atenção daquelas oito senhoras carregadas de maquiagem, provavelmente egressas do after party de uma exumação de corpos. A mais maquiada delas, inclusive, Sra. Arlinda, continuava na mesma posição, sem se mexer nem piscar desde as duas reuniões anteriores. O lábio entreaberto, contudo, suspeitava o desejo de algum comentário inteligente brotar para o mundo, mas o cansaço a dominava e nada nascia daquela horta muda.

As conselheiras não esboçaram reação durante suas explicações sobre o potencial do robô enxugador de gelo. A tendência era robôs substituírem humanos em trabalhos duros, repetitivos e inúteis, como enxugar gelo e escrever poesias. Ao celular durante os últimos vinte minutos, uma das conselheiras até esboçara pequenos sorrisos ao longo da apresentação. A Sra. Arlinda, sagaz desde os tempos de moça, também parecera querer soltar algum comentário jocoso, mas se mantivera inteligentemente em imóvel silêncio.

Carla não entendia a graça, toda sua carreira estava naquele pitch, suas últimas quatro semanas dedicadas a detalhar nos

slides, em bullet-points, sobre um canvas de design thinking e uma matriz SWOT, a nova disrupção que ameaçaria o profit pool do core business do business plan das concorrentes. De acordo com o output do focus group, repleto de insights, seria um upside na captura de market share em regiões estratégicas.

“Os clientes não sabem o que querem, nós precisamos demonstrar para eles. A oferta do robô enxugador de gelo criará sua própria demanda!” Essa era a resposta engatilhada que Carla teria caso alguma conselheira questionasse a inexistência de demanda para o produto. Carla abriu para questões após sua apresentação, seis das conselheiras não ergueram os olhos do celular, apenas se içaram em seus saltos; uma sétima não ergueu os olhos do espelho em que se maquiava; a oitava, Sra. Arlinda, não erguia mais nada há tempo.

Liberadas do tormento, as conselheiras agradeceram educadamente, elogiaram a roupa de Carla, “como estava bonita com aquela combinação de cores!”, e, exceto Sra. Arlinda, se dispersaram mal flutuando em saltos altíssimos e comentando sobre o rapaz da secretaria, o rapaz novo, o jovem de barba rala, um gostoso, ombros largos, gato. Simpático também, mas não fora a simpatia o ponto decisivo em sua contratação. Pensavam em trocar o uniforme obrigatório da recepção por uma regata; o novo secretário ficaria elegante de regata. Uma das conselheiras já adicionara seu telefone. Devia ser um puto de um interesseiro, como aquele anterior cabeludo que se engraçara para cima da diretora de operações. A diretora (claro) comeu e (óbvio) o demitiu em seguida.

Com a sala vazia, exceto pela Sra. Arlinda, a diretora de operações se aproximou de Carla e lhe parabenizou. Tentaria

✉ lefratel@gmail.com
🌐 lefratel.wixsite.com/pequenaprincesa
📘 leandro.franz
📷 @leandro.franz | @uterodepaulo

Este livro foi composto em Dante MT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em março de 2019.
